

A revolução industrial e sua influência na reestruturação da vida familiar

The industrial revolution and its influence on the restructuring of family life

La revolución industrial y su influencia en la reestructuración de la vida familiar

Gladison Luciano Perosini¹

Resumo

Este artigo apresenta uma contribuição teórica para a discussão sobre a alteração da vida familiar com o advento da Revolução Industrial ocorrido na Europa em meados do século XVIII. A pesquisa realizou uma revisão bibliográfica, focando na Revolução Industrial e sua conseqüente influência na estrutura familiar. O texto relaciona o desenvolvimento dos centros urbanos e sua influência na mudança da estrutura familiar decorrentes da era moderna que arregimentou a mão de obra para a proximidade das fábricas, afastando-se a vida rural e do trabalho doméstico. A individualização da humanidade e a interdependência social foram à criação resultante da modernidade, em que a pessoa ser único, depende de saberes exclusivos para sua época para tramitar com certa facilidade na sociedade moderna e para nela subsistir.

Palavras-chave: revolução industrial; vida familiar; industrialização; trabalho.

Abstract

This article presents a theoretical contribution to the discussion on the alteration of family life with the advent of the Industrial Revolution that occurred in Europe in the middle of the eighteenth century. The research carried out a bibliographical review, focusing on the Industrial Revolution and its consequent influence on the family structure. The text relates the development of urban centers and their influence on the change of the family structure resulting from the modern era that brought the workforce closer to the factories, moving away from rural life and domestic work. The individualization of humanity and social interdependence were the creation resulting from modernity, in which the person is unique, depends on exclusive knowledge for his time to process with certain ease in modern society and to subsist in it.

Keywords: industrial revolution; familiar life; industrialization. job.

Resumen

Este artículo presenta una contribución teórica para la discusión sobre la alteración de la vida familiar con el advenimiento de la Revolución Industrial ocurrido en Europa a mediados del siglo XVIII. La investigación realizó una revisión bibliográfica, enfocándose en la Revolución Industrial y su consiguiente influencia en la estructura familiar. El texto relaciona el desarrollo de los centros urbanos y su influencia en el cambio de la estructura familiar derivada de la era moderna que arregimentó la mano de obra para la proximidad de las fábricas, alejándose de la vida rural y del trabajo doméstico. La individualización de la humanidad y la interdependencia social fueron a la creación resultante de la modernidad, en que la persona es única, depende de saberes exclusivos para su época para tramitar con cierta facilidad en la sociedad moderna y para subsistir en ella.

¹ Mestre em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha-ES. Professor Universitário. Pesquisador do Núcleo de Estudos em Política e Sociedade - NEPS – UVV. E-mail: gladisonperosini@gmail.com.

Palabras clave: revolución industrial; vida familiar. industrialización; trabajo.

1. Introdução

O presente artigo aborda a alteração da vida familiar e sua forma de trabalho decorrente da Revolução Industrial, estimulada pelo espírito capitalista. A pesquisa realizou uma revisão bibliográfica, focando na Revolução Industrial e sua consequente influencia na estrutura familiar. Tendo a classe burguesa identificada a possibilidade de obter maiores lucros por meio da mecanização das forças de produção, o que modificou a estrutura econômica e social da Europa e, consequentemente, de todo o mundo (MARTINS, 1988, p.05). O processo de industrialização na Europa, em meados do século XVIII não era novidade alguma, mas, a indústria e sua produção eram bem limitadas por questões tecnológicas, uma vez que a força motriz dos meios de manufatura existentes era, em sua essência, humana ou animal.

O estudo considera como papel de destaque, a conquista pela mecanização das forças de trabalho, que por sua vez, possibilitou significativamente a alteração nos padrões de relacionamento entre as pessoas. Trata-se de uma demanda em que a sociedade contemporânea que, de certo modo reage a estímulos, deve sensibilizar-se com estas mudanças inferidas pelas tecnologias, que por sua vez que estão capilarmente inseridas no corpo social. Foi enorme o impacto da Revolução Industrial sobre a família, uma vez que alterou definitivamente sua estrutura de vida e convívio, como também seus progressivos reflexos continuam em constante transformação em nosso cotidiano com a evolução da tecnologia da informação e comunicação.

Ao analisar o desenvolvimento histórico pós-revolução industrial para um vislumbre das alterações acontecidas na forma de trabalho e na fragmentação do indivíduo face as novas tendências exigidas no processo contínuo da mutação econômica, fica evidenciado que a estrutura familiar e seu contexto social sofreram significativas alterações, impactando diretamente nas relações sociais como um todo.

2. O novo paradigma familiar e sua estrutura de trabalho

A concepção de família e sua vida doméstica, assume determinadas formas construída historicamente, ou seja, é fruto da trajetória de sua existência na sociedade e alterada seu formato de acordo com o contexto social em cada sociedade e em distintas épocas históricas.

Vale reforçar que a família e seu formato é construído de acordo com cada norma cultural, que por sua vez se altera no decorrer do tempo e no contexto em que está inserida. A família como processo histórico, é construída e modificada de acordo com as transformações da sociedade, paralelamente com o contexto social que a cerca, juntamente com suas mudanças, refaz paulatinamente o modelo familiar inserida em sua tessitura (DUTRA OLIVEIRA, 2009, p.24).

A estrutura familiar é algo que se modifica com o passar do tempo e de acordo com o contexto social, como a família nuclear em que sua formação se dá com o pai, a mãe e filhos; no decorrer da história este mesmo padrão tem-se alterado para diversas configurações, em que algumas vezes a mãe mora sozinha com os filhos; os filhos moram com os avós; temos a família formada por homossexuais e filhos adotivos; filhos que moram com o pai e a madrasta; etc. Tivemos o vislumbre de algumas formações familiares que depende muitas vezes da sociedade que a cerca (CARTER, 1995, p.8-9).

Temo como base o trabalho realizado de forma nuclear, em que os pais juntamente com os filhos colaboravam entre si para a manutenção e sustento da família. Assim, a produção era realizada pela força do homem, em alguns casos, com o uso de instrumentos de trabalho somados a forças da natureza, tais como ventos e a água, ou à força de animais (MIRANDA, 2012, p.01-12).

O maior significado da Revolução Industrial para a humanidade está nas potencialidades que despertou no homem, em termos de conhecimento da natureza e de seu domínio. O salto dado pelas forças produtivas com o início do aproveitamento da energia contida na natureza abriu horizontes cada vez maiores para um desenvolvimento ilimitado da espécie humana [...] (MAGALHÃES FILHO, 1970, p.268).

Esta análise me permite supor que a classe burguesa como promotora de uma ação que buscasse acelerar as forças de produção, uma vez que, o maior lucro dependia conseqüentemente de mais produtos em um tempo cada vez menor. A ação artesanal do homem sobre a produção era limitada e não satisfazia mais aos burgueses que almejavam maiores escalas produtivas, foi necessária a invenção de máquinas, já visionado por eles, para que o trabalho de produção manual fosse suplantado. Esse novo horizonte de aceleração dos meios de produção em que permeia no espírito capitalista, conduziu para mudanças significativas em todo o mundo, uma delas a reorganização da estrutura familiar com os novos meios de produção.

Os locais em que os artesãos realizavam os seus trabalhos foram sendo, aos poucos, substituídos pelas fábricas. As ferramentas de trabalho manual foram substituídas pelas máquinas que haviam sido desenvolvidas para acelerar a produção. As fontes de energia utilizada, como a água, vento e força muscular, ficaram ultrapassadas com o advento das máquinas a vapor e da eletricidade. Com o passar do tempo, a Revolução Industrial provocou uma profunda influência na vida das pessoas em quase todo o planeta, uma vez que os "modos tradicionais de vida (a existência de habilidades e ofícios artesanais, o lar como local de trabalho) foram sacrificados ao novo sistema para que esses fins econômicos fossem atingidos" (BELL, 1977, p.309). No início, sua influência na sociedade foi referente à ampliação da possibilidade de sobrevivência dos homens nas cidades que vinham das vilas rurais em busca de trabalho nas fábricas, gerando um grande impacto social, permitindo uma nova forma de sociabilidade e um grande enriquecimento econômico. Para as transformações sociais e econômicas, a cidade foi o espaço privilegiado na Era Moderna, onde a vida urbana com seu ritmo acelerado, juntamente com as mudanças econômicas, fez surgir a ideia de que a vida em sociedade é o resultado do trabalho e da invenção humana (BOMENY, 2013, p.22).

Ao ser implantado o sistema de produção em larga escala, os trabalhos manuais ficaram ultrapassados, com isso os valores do ofício antes transmitidos dos pais aos filhos na produção artesanal que eram desenvolvidos em casa com a participação de toda a família, foi sendo vista como não mais desejada, frente ao novo sistema produtivo que prometia alavancar a economia, comprando a mão de obra dos que antes se dedicavam ao trabalho produzido no núcleo familiar. O impacto sobre a família foi evidente, uma vez que a mesma residia em sua maioria na área rural e o novo sistema produtivo as fábricas, estavam localizadas nas cidades. O que influenciava a vinda do homem em busca de emprego nas fábricas, uma vez que gerava estabilidade financeira e conseqüentemente a expectativa para realizar os objetivos, que como artesãos dificilmente seriam alcançados.

Desta maneira, o homem diminui sua dependência dos limites da natureza que, por sua vez, lhes impunham barreiras quanto à capacidade de produção. Devido à criação das grandes indústrias e da produção em larga escala, tanto a forma de produzir quanto a de comercializar são modificadas, já que as cidades produzem grande variedade de mercadorias, conseqüentemente, há diversidade de produção entre as várias localidades. Ocorre, neste caso, a necessidade de comércio entre locais diferentes e, muitas vezes, distantes uns dos outros. Sentiu-se que era indispensável produzir não apenas para o cliente que vem ao local de trabalho para fazer uma encomenda (MIRANDA, 2012, p.13), mas “produzir para um

mercado que ultrapassou os limites de uma cidade, adquirindo um alcance nacional” (HUBERMAN, 1981, p.103).

De acordo com Bomeny, o panorama anterior à Idade Moderna estava ligado ao campo, em que o sistema econômico baseou-se, inseparavelmente, no modo de produção feudal, onde a riqueza de uma sociedade e os modos de produção estavam ligados à terra.

A modernidade é um processo histórico que teve como marco a Revolução Industrial que se deu no início do século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção. Foi quando o intelecto humano conseguiu conceber a substituição da força muscular pela força das máquinas e tecnologias voltadas para a produção de bens de consumo (BOMENY, 2013, p.23).

As fábricas tornaram os centros urbanos atrativos, pois nelas são comercializadas uma variedade muito grande de mercadorias, o que cativa a atenção das pessoas a morarem o mais próximo possível destes centros de produção. Com toda a mudança ocorrida nos meios de produção e na família, os capitalistas visionavam levar seus produtos para além dos limites de suas cidades, o que conseqüentemente exigia uma produção maior e mais pessoas para trabalharem nas fábricas. Com o aumento das oportunidades de emprego as famílias que ainda permaneciam em suas propriedades rurais em ofícios artesanais, foram cedendo as ofertas de emprego nas fábricas em busca melhores salários, uma vez que os produtos desenvolvidos manualmente eram vistos como meios de produção ultrapassados e pouco almejado. Restando a estes trabalhadores venderem sua força de trabalho para as fábricas, fragmentando a estrutura familiar, antes nuclear, em que seus membros faziam suas produções em casa de modo colaborativo.

Com a mudança nos meios de produção, as novidades no mercado de trabalho nas indústrias, tendo como referência o que há de mais atrativo para se trabalhar, uma vez que gera expectativas de salários, ocorre a divisão social do trabalho, que demonstra a segmentação da sociedade, um novo modo de enxerga-la, de forma desigual, em degraus; esta separação ocorre entre o trabalho manual e o intelectual (SCANDELAI, 2012, p. 23). O “capitalismo está fundado numa relação social entre indivíduos desigualmente posicionados face aos meios de produção e às condições impostas ao valor de sua capacidade de trabalho.” (GAIGER, 2003, p.188).

A Revolução Industrial trouxe um enorme impacto na vida familiar. A família era uma unidade nuclear de produção, em que o marido, mulher e filhos participavam juntos do trabalho na fazenda e também na oficina do artesão. O advento da fábrica, com seu novo modelo de trabalho, tirou pela primeira vez na história o trabalho e o trabalhador de sua casa,

o que fragmentou a família, deixando alguns de seus membros para trás (DRUCKER, 2000, p.2).

Esse inovador modelo de trabalho gera um ciclo de expectativas sem fim para toda a família, uma vez que o trabalhador quanto mais horas passa dentro da empresa, mais tem a receber financeiramente; quanto mais se recebia, conseqüentemente, significava menos tempo para a família e o lazer. Nota-se a “presença cada vez maior da tecnologia na organização das práticas sociais, das mais complexas às mais elementares” (BENAKOUCHE, 1999, p.01), o que altera de modo incisivo a estrutura social, fragmentando e individualizando seus membros. O que antes havia a família como uma estrutura voltada o para o trabalho familiar, em que seus membros participavam ativamente na oficina do artesão, com o advento das fábricas nos centros urbanos, ocorreu a fragmentação da família, em que cada parte passa a buscar de forma individual o sustento familiar.

De acordo com Quintaneiro (2003, p.10), a constante expansão da indústria nas regiões urbanas, submetendo os trabalhadores a condições deploráveis, fez com que a classe operária residisse em moradias insalubres, tivesse alimentação deficiente, jornadas de trabalho diário de 12 a 16 horas e, depois da implantação da iluminação a gás, o horário de trabalho foi estendido para até 18 horas. Salários extremamente baixos, aplicação de multas que reduziam cada vez mais seus ganhos, a exposição a frequentes acidentes dos trabalhadores provocados pelo pesado maquinário, que resultava muitas vezes em mutilação e morte, utilização crescente de mulheres e crianças com idade a partir de 09 anos como trabalhadores. A situação socioeconômica teve um agravamento considerado em relação à fome e ao desemprego, decorrentes de alguns outros problemas como a prostituição e o alcoolismo. Além dos baixos salários que eram pagos para os homens adultos, os aprendizes recebiam de modo geral a metade, o das mulheres a quarta parte, e os das crianças já se podem imaginar o que recebiam como salário.

Com a constante migração do homem do campo para áreas urbanas provocou um excesso de mão de obra disponível e conseqüentemente favoreceu o barateamento das mesmas, gerando seguidamente massivo desemprego. Abrindo possibilidades para a exploração e expansão dos negócios. A exploração no ambiente fabril envolve tanto homens, quanto mulheres e crianças, com salários tão baixos que mal davam para o próprio sustento, uma vez que o objetivo do capitalismo é canalizar o máximo possível para a obtenção do lucro em detrimento ao sacrifício de forma desumana, se assim for necessário. Os centros urbanos ficaram superlotados, o que ocasionou impactantes mudanças demográficas, alterando completa e definitivamente o modo de vida da sociedade.

Segundo Marx (2001, p. 66-67), a força de trabalho nada mais é do que uma mercadoria exposta aguardando a sorte de ser comprada por um bom preço. Essa mercadoria advém da força de trabalho, que o trabalhador vende em busca da subsistência, o que significa subordinar-se às normas que o capital lhe impõe, uma vez que “o trabalhador transformou-se numa mercadoria” (MARX, 2001, p. 66), que pode ser descartada quando não tiver mais utilidade. Quanto mais o trabalhador busca obter ganhos, mais ele tem que abrir mão do seu tempo e ir muito além da jornada estipulada, tal como realizar um trabalho escravo.

Com o impacto do êxodo da vida rural para os centros urbanos, conseqüentemente com tanta mão de obra disponível, diversas famílias deixaram de conseguir emprego e passavam fome, ocorrendo um crescente número de mendigos nas ruas das cidades. Com a situação da falta de emprego, abriam-se oportunidades para a exploração da mão de obra, com oferta de salários cada vez mais baixos e um maior tempo de trabalho. Com toda a situação de caos gerada, a prostituição e o alcoolismo tornaram-se uma fuga.

Para Bauman (2001), modernidade é a época em que a vida social passa a ter como centro a ideia da existência do indivíduo e do individualismo. É a fase que marca a expansiva autonomia ou autossuficiência do homem em relação à vida social e comunitária. Afirma ainda que o surgimento de membros como indivíduos se torna marca de uma sociedade moderna. De acordo com Fragoso (2013), a modernidade a que Bauman se refere é a modernidade líquida, que derrete os sólidos existentes, como o grupo parentesco, a isolada e fechada comunidade tradicional, como também os laços e suas obrigações sociais fundados na tradição e na religião e que são, de certa forma, "derretidos" pelo avanço do que se chama de moderno. Tudo o que tinha suas bases sólidas se desmancha.

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Assim, Fragoso (2013) diz que se pode pensar a modernidade em um processo de destruição criativa que desfaz o que é velho para reestruturar sua forma de outra maneira, uma reinvenção do velho com novo formato. Na atual modernidade, tudo o que demarcava a ordem social, seus padrões tornaram-se liquefeitos, uma vez que a individualização rompeu os

poderes dos sólidos da tradição, elaborando neste desvinculo a ausência de padrões de referências, códigos sociais e culturais, em que os indivíduos não possuem lugares pré-estabelecidos no mundo, mas de forma livre se inserem em uma sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente. Este poder que desfaz as antigas referências se dá pela nova ordem em que o poder é extraterritorial com ação globalizante, que em sua individualização o ser possui não mais referências territorializadas, mas globalizada e multifacetada (FRAGOSO, 2013, p.109-111).

O individualismo é o produto consequente da sociedade moderna, e que difere da forma que os organismos primitivos eram caracterizados. Para Durkheim, as modernas formas em que se davam a organização social estavam voltadas às relações econômicas, que desenvolveram uma característica particular de solidariedade funcional; por sua vez aproxima indivíduos na diferença, permitindo-lhes ocupar uma diferente função e viver dentro do aceitável, pois cada indivíduo desenvolve uma função que se torna indispensável à sobrevivência da vida coletiva. O próprio Durkheim, citado por Vares, percebeu que a divisão "forçada" do trabalho consistia em um reflexo dos processos econômicos do mundo moderno. Com um processo de individualização dos membros desta sociedade, eles passam a ter específicas funções no interior dessa segmentação do trabalho social. Os indivíduos dentro desta esfera social se unem porque há uma interdependência e não por serem semelhantes ou porque haja consenso. (VARES, 2013, p.02-06).

Com o desenvolvimento das tecnologias de produção acentuaram-se as marcas distintas do individualismo em que o capitalista, donos das fábricas contratavam suas diferenças, operários para lhe servirem como mola propulsora no acúmulo do capital, submetendo-os dentro do aceitável. O empregado passou a ser indispensável à vida moderna, e neste panorama, apenas conseguirá tramitar na sociedade dentro dos padrões normais de sobrevivência se estiver inserido em um ambiente de trabalho.

Segundo Elias (1994, p.22) qualquer pessoa que passe por outra, mesmo que seja como estranhos, aparentemente de modo desvinculado, está envolvida a outras por laços invisíveis, não importando quais sejam estes laços, de trabalho e propriedade ou até mesmo de instintos e afetos. Por mais que possamos parecer desvinculados há uma rede que une cada pessoa, não importando o nível de vínculo existente. Os tipos mais diferentes de funções existentes tornaram os seres humanos dependentes uns dos outros. Os indivíduos existem e estão ligados a esta rede de dependências que não lhe é possível modificar ou até mesmo romper, toda a modificação deste vínculo por laços invisíveis só é alterada dentro dos limites que a própria estrutura de dependência o permita; vive inserido em um tecido de relações não

estáticas, mas móveis. Importante lembrar que toda esta estrutura de relações, mesmo as imperceptíveis não é uma criação de indivíduos particulares, uma vez que cada indivíduo, dos mais poderosos aos mais simples, faz parte dele e é representante de uma função, que apenas é formada e mantida em relação a diversas outras funções. Esta relação entre indivíduo e sociedade tem o seu caráter singular; com isso compreende-se que não existe igual relação ou mesmo semelhante em qualquer outra esfera. Deve-se “começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais.” (ELIAS, 1994, p.25).

Segundo Elias, ao nascer o indivíduo é criado inserido em uma estrutura marcada por relações e funções. Uma vez no interior desta estrutura, ela desde já cria seus vínculos dos perceptíveis aos imperceptíveis e funde-se na sociedade e tem seus limites dentro desta relação móvel. Ainda conforme Elias, o ser humano, com sua individualidade e a inter-relação social das pessoas, não são antitéticas e a moldagem e a diferenciação especiais das funções mentais que chamamos "individualidade" só torna-se possível à pessoa que nasce e se desenvolve no interior de uma sociedade. Não existe um indivíduo que não possua vínculos sociais, ou seja, não age apenas como mero expectador, um indivíduo que não tenha sido afetado pela rede. (ELIAS, 1994, p.31).

Com a vinda para a cidade, Bomeny diz que o objeto de trabalho deixa de ser a força muscular e o homem passa a utilizar a força das máquinas como meio de produção, sendo uma das grandes mudanças sociais da época moderna. Com essa transformação do campo para a cidade, devido à sedução pela oferta de emprego nas fábricas e pela proposta de recebimento de salários, um novo cenário se estabeleceu, gerando uma nova organização em que a modernidade é vista como plural e confusa, uma vez que está relacionado a uma infinidade de informações e diversos conhecimentos novos.

Torna-se importante salientar que a Revolução Industrial não foi um episódio que teve uma datação precisa, com um começo, meio e fim. A industrialização foi um processo que teve seu desdobramento de forma lenta, tendo como essência da Revolução Industrial a ideia de que a “mudança é a norma”. A validade desta ideia é percebida hoje com facilidade quando se inventa algo e, em pouco tempo, uma nova técnica é desenvolvida de forma mais eficiente, tornando o anterior obsoleto (BOMENY, 2013, p.22).

Para Cavalcanti, é impressionante como a Revolução Industrial mudou completamente a vida das pessoas daquela época e seus progressivos reflexos continuam em constante transformação em nosso cotidiano com a evolução da tecnologia da informação e comunicação. A revolução industrial, segundo o autor, foi definitivamente um marco na história da humanidade, período em que a produção deixou de ser manufaturada para a

produção em massa, acelerando consideravelmente a escala de fabricação de produtos, permitindo, desta forma, colocar mais e mais produtos no mercado e a preços muito mais competitivos. Com este desenvolvimento tecnológico de produção em grande escala, a população ganha, no decorrer do tempo, maior poder de compra e, conseqüentemente, melhoria na sua qualidade de vida, decorrente de consumo (CAVALCANTE, 2011, p.01-05).

O impacto da Revolução Industrial sobre a família foi enorme, uma vez que alterou definitivamente sua estrutura de vida e convívio. O homem trabalhador foi tirado de casa, do seu círculo nativo de produção manufaturada, sendo desmembrado da sua família para tramitar na sociedade moderna, industrializada. A individualização da humanidade e a interdependência social foram à criação resultante da modernidade, em que a pessoa ser único, depende de saberes exclusivos para sua época para tramitar com certa facilidade na sociedade moderna e para nela subsistir. A era moderna exige por sua vez de mão de obra com certa para operar seus equipamentos, o que exige ao membro da família não apenas sair de casa para o trabalho, mas separar tempo para que sua pessoa seja útil no mercado de trabalho, ou seja, qualificando.

A tecnologia, como uma criação humana, tem sua função no atendimento a diversos interesses e se faz presente em todas as camadas sociais, com vista a atender as mais variadas demandas. É considerada a mola propulsora que está em constante renovação, contribuindo para o desenvolvimento da humanidade (AIRES, 2006, p.26-27). "Desde a primeira Revolução Industrial, o capitalismo esteve no comando do desenvolvimento" (SINGER, 2004, p.09), de forma a criar pela renovação tecnológica, atrativos para o constante progresso.

Dessa forma é importante refletir no progresso trilhado pela humanidade, decorrente do desenvolvimento tecnológico, uma vez que serve no atendimento às expectativas da sociedade e por ela esta mesma tecnologia é modificada para atingir níveis mais elevados com vistas a suprir cada vez mais os complexos anseios de consumo da população. A modernidade faz com que constantemente sejam elaborados novos objetivos a serem alcançados, com isso, o anterior torna-se obsoleto. O avanço das tecnologias nas fábricas são constantes e renováveis exigindo cada vez mais preparação para o manuseio dos seus equipamentos.

Sendo assim, torna-se possível, em um sentido mais amplo, pensar a tecnologia como “a maneira pela qual as pessoas fazem coisas” (GAMA, 1985, p.14). Portanto, em qualquer ação, desde as mais simples até as mais complexas, há uma metodologia que está presente, um método, um modo organizado de saber-fazer (GAMA, 1985, p.14-15).

Por sua vez, Vargas (1996, p.224) define a tecnologia como o desempenho científico da técnica. Nesse pensamento, a tecnologia é entendida como a utilização de conhecimentos científicos para a satisfação das autênticas necessidades de um povo.

Com o surgimento das fábricas que teve como utilidade de atender a vários interesses, a tecnologia está presente em todas as camadas sociais, algo que permanece em constante movimento de transformação e renovação que colabora de forma significativa e indispensável ao progresso da sociedade, uma vez que “as mudanças sociais tidas como decorrentes da introdução de inovações” (BENAKOUCHE, 1999, p.03) tecnológicas está diretamente associada à utilização do conhecimento científico para atender da simples às complexas expectativas da população.

3. Considerações finais

O desenvolvimento da problemática levantada a partir das literaturas de referência evidencia que a Revolução Industrial foi uma mola propulsora para que a estrutura familiar fosse reorganizada, descentralizando a tradicional forma de trabalho em que os componentes da família realizavam em conjunto, conduzindo para sua fragmentação, onde cada pessoa do seu conjunto foi separada para um trabalho individual nas fábricas.

Certamente, assim como as tecnologias se renovam constantemente, alterando o modo de convívio familiar, como o perfil da sociedade como um todo. O impacto também foi evidente pela precariedade e exploração da mão de obra em que os trabalhadores foram inseridos, uma vez que a revolução teve seu início, mas não seu fim, apenas uma reconfiguração para a modernidade contemporânea em que o ser humano está inserido, de modo que não conseguimos e muitas vezes não queremos nos separar dela, este meio fabril busca de modo constante, renovado e criativo atender e atrair a atenção do seu público, consumidor ou de mão de obra de forma multifacetada fazer o ser humano cada vez mais individualizado, dedicando mais e mais tempo a serviço do desenvolvimento e cada vez menos tempo para o núcleo familiar.

Referências

AIRES, Maria Juracy. *Técnicas e tecnologia do parto: a produção e apropriação do conhecimento tecnológico por parteiras tradicionais* [Dissertação]. Curitiba, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

- BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- BENAKOUCHE, Tamara. *Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico*. Cadernos de Pesquisa, v. 17, 1999, p. 1-28.
- BOMENY, Helena et AL. *Tempos Modernos, tempos de sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ed. do Brasil. Volume Único, 2013.
- CARTER, Betty et al. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*, v. 2, p. 7-29, 1995.
- CAVALCANTE, Zedequias Vieira; DA SILVA, Mauro Luis Siqueira. *A Importância da Revolução Industrial no mundo da tecnologia*, 2011.
- DRUCKER, Peter. *O futuro já chegou*. Revista Exame, v. 22, n. 03, 2000.
- DUTRA OLIVEIRA, Nayara Hakime. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. SciELO-Editora UNESP, 2009.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Zahar, 1994.
- FRAGOSO, Tiago de Oliveira. *Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman*. Perspectivas Sociais, n. 1, 2013.
- GAIGER, Luiz Inácio Germany. *A economia solidária diante do modo de produção capitalista*. Caderno CRH, Salvador, n. 39, 2003.
- GAMA, Ruy. *História da Técnica e da tecnologia*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1985.
- HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*, 1981.
- MAGALHÃES FILHO, Francisco de B.B. *História Econômica*. São Paulo: Sugestões Literárias, 1970.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O que é sociologia*. Brasiliense, 1988.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Martin Claret. (Coleção a Obra-Prima de cada autor), 2001.
- MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. *A mudança do paradigma econômico, a Revolução Industrial e a positivação do Direito do Trabalho*. Revista Eletrônica Direito, v. 3, n. 1, 2012, p. 1-24.
- QUINTANEIRO, Tania. *Um toque de clássicos – Marx | Durkheim | Weber*. Editora UFMG, 2003.
- SCANDELAI, Aline Linares de Oliveira. *A precarização do trabalho: da revolução industrial ao neoliberalismo*. In: Colloquium Humanarum. 2012, p. 21-31.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário*. Estudos avançados, v. 18, n. 51, 2004, p. 7-22.

VARES, Sidnei Ferreira de. *Solidariedade Mecânica e Solidariedade Orgânica em Émile Durkheim: Dois Conceitos e um Dilema*. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 18, n. 2, 2013, p. 148-171.

VARGAS, Milton. *Os filtros sociais da tecnologia*. Revista USP, n. 28, 1996, p. 222-231.